

O FOGO ETERNO NOS LAGARES DE AZEITE

Por

MARGARIDA RIBEIRO

Com este título publicou Pedro de Azevedo, em 1911, na *Revista Lusitana*, vol. 14.º, pp. 298 - 299, uma nota de inestimável valor etnográfico, pois com ela contribuiu para a divulgação dos vestígios de um culto pré-céltico, explicitamente rendido à oliveira, e para o alargamento dos horizontes da olaria, no aspecto de forma, ainda viva naquela data, e respectiva função.

Julgo ser oportuna a transcrição do fragmento de texto parafraseado por aquele ilustre autor, em virtude de, até ao presente, não ter encontrado a obra por ele referida e dela dar, como é óbvio, a necessária indicação bibliográfica.

O tema versado por Pedro de Azevedo foi colhido da obra de António Ladislau Piçarra, *O Azeite no concelho de Serpa. Seu fabrico tradicional*, de que extraiu o seguinte passo:

«Uma das cousas que dão logo nas vistas, quando se penetra num lagar, é a existência de uma “luminaira” — como diz o povo — arrendo (dia e noite) junto do local da tarefa. Essa luminária, que tem o nome de *juiz*, consiste numa lamparina de barro ostentando uma grande chama, produzida pela combustão de uma grossa torcida de pano cru embebida de azeite. Outrora, quando essa lamparina se apagava, ou por falta de azeite ou por não ser atçada, era o mestre lagareiro obrigado a pagar de multa meia canada de vinho. Igual

multa se applicava a toda a pessoa que acendesse cigarro à dita luminária».

O excerto reproduzido ensina que se usavam naquela zona do Alentejo lamaparinas de barro nos lagares de azeite. A avaliar pela descrição de Ladislau Piçarra, tinham proporções maiores que as lamparinas de uso comum. Apresentavam a configuração de uma tigela provida de um bico semelhante ao das candeias de metal, medindo 11 cm de diâmetro e 4,5 cm de altura, conforme M. Dias Nunes registou no mapa que acompanha o seu estudo, *Artes & Industrias Tradicionais — A olaria em Serpa*, publicado em 1900 na revista *A Tradição*, vol. II, n.º 1, 11 e 12 (pp. 6-9, 168-170 e 187-189) e como se vê num desenho de M. Baptista Salta, publicado sob o título *Productos da Ollaria Alemtejana* (*Ibid.*, n.º 11, p. 165), no citado artigo de M. Dias Nunes e cujo desenho reproduzo (Fig. 1).

No Ervedal (Avis), assisti, outrora, a algumas tibórnias que se faziam no lagar desta pequena vila com o primeiro azeite novo e tive conhecimento de outras que os fregueses ofereciam ao mestre e aos lagareiros, logo que recebiam o seu azeite. A *tiborneira* de barro, a par da *luminária*, como se designava o vaso de barro, de chama sempre viva, e que vi metido num aro de ferro suspenso de um dos barrotes do telhado, na casa da tarefa, eram recipientes comuns, também nesta vila alentejana. Tinham a forma dos seus correspondentes de Serpa, como verifico no texto e nos desenhos que ilustram o citado estudo de M. Dias Nunes (*A Tradição*, n.º 2, p. 7; e n.º 11, pp. 165 e 168).

Em Estremoz, até há cerca de 30 anos, existiram na cidade e suas vizinhanças, pelo menos, 18 lagares de azeite.

A luminária de barro, de forma idêntica às de Serpa e do Ervedal, prevaleceu ali como peça da olaria local, com a mesma função, utilizando-se num aro de ferro que se suspendia do tecto. Era alimentada com azeite e tinha uma capacidade para 1 a litro e meio.

A mesma lamparina de barro, mais tarde substituída pela típica candeia de lagar feita de chapa de ferro, foi também usada no Redondo, Borba, Vila Viçosa e Beja. Cobria, como se vê, uma dimensão

territorial muito extensa, encontrando-se associada a costumes e tradições comuns.

Tal como outras peças já desaparecidas ou raras, prova que a olaria do século XIX apresentava uma maior uniformidade de formas. Algumas peças raras e que parecem, hoje, de tipologia puramente regional, não são mais do que a sobrevivência de formas que resistiram e se produzem nos lugares onde não chegaram ainda, ou não foram introduzidas pelo fomento do governo central, as técnicas avançadas. O seu uso subsiste e justifica-se com os meios empíricos, económicos e tecnológicos, que regulam as sociedades humanas desses lugares.

Pelo facto de não se encontrarem, hoje, determinadas formas e peças, só porque as não tocámos ou vimos, não podemos afirmar que não existiram, jamais. Nenhum produto da arte popular é acidental ou esporádico, no aspecto tecnológico, pois corresponde a necessidades e à correlação destas com o progresso das várias civilizações e culturas. O fenómeno está provado. Só no campo da génese e no domínio da arqueologia, embora possamos estabelecer confrontos e determinar constantes, o assunto tem de ser pensado de maneira diversa, segundo os métodos próprios.

Na aldeia de Lavre (Montemor-o-Novo), ou nas imediações, recolheu o falecido lavrador e nosso lembrado amigo, Sr. António Teixeira, em 1956, uma anforeta de barro grosseiro, que estava a servir de lampadário num lagar de azeite, juntando-a à sua colecção de antiguidades, provenientes, na maioria, da sua Herdade do Escatelar.

Observei o referido vaso, primeiramente, no escritório do Sr. António Teixeira, no rés-do-chão da sua residência de Coruche (Praça Doutor Oliveira Salazar, edifício contíguo ao da Câmara Municipal) e examinei-o mais detidamente na Herdade dos Pavões, para onde fora transferido juntamente com as antiguidades a que aludi, ficando ali tudo reunido dentro de um caixote pequeno, numa sala do rés-do-chão da moradia desta Herdade.

Na ocasião em que a observei, estava em muito bom estado. Apresentava a forma e a tipologia das anforetas estudadas pelo Sr. Dr. Eduíno Borges Garcia no seu bem elaborado e documentado artigo, *Estudo de anforetas encontradas nas costas atlânticas e mediterrânicas*

de Portugal, Espanha e França, "Cadernos de Etnografia", Segunda Série, n.º 3, Barcelos, 1968, possuindo, como se deduz, similaridade de dimensões e de textura de pasta, caracteristicamente espessa e de cor clara.

O emprego deste vaso num lagar de azeite dos nossos dias é um caso inédito, pois, como disse, trata-se de uma antiguidade cuja proveniência não foi possível esclarecer conforme desejei.

A utilização prática de um vaso não cessa súbitamente. A perda de uma finalidade ou aplicação adequada sucede outra, que subsiste, como adaptação da forma, até que os meios técnicos sejam alterados mais profundamente ou substituídos.

Contudo, a proximidade do Rio Sorraia e a existência comprovada de estações arqueológicas nas vizinhanças não me sugeriram a hipótese de se tratar de um provável achado nesta região.

O referido vaso encontrava-se no lagar há muitos anos, como me informou o Sr. António Teixeira. Fora estimado pela curiosidade da forma, mas ninguém sabia como chegara até ali, nem suspeitava do seu valor arqueológico. Era, presumivelmente, uma peça deslocada da origem e por essa razão não a incluí nos trabalhos que publiquei sobre Coruche e Escatelar (*Estudo Histórico de Coruche*, Lisboa, 1959; *Vestígios lusitano-romanos da Herdade do Escatelar*, "Revista de Guimarães", vol. LXXIV, 1964).

O interesse que a anforeta me despertou baseava-se no desejo de reunir achados, cuja origem e sua correcta indicação pudessem despertar a atenção dos arqueólogos.

Embora a notícia das antiguidades de Coruche e do Escatelar que dei nos supracitados estudos seja destituída de valor científico, visto aquelas terem sido exumadas acidentalmente, no decorrer de trabalhos agrícolas, não julguei conveniente elaborar um artigo para tratar de um único vaso, cuja proveniência, condições em que fora encontrado e exacta cronologia ignorava completamente.

No aspecto de usos e costumes populares, a circunstância de em Lavre ou nas imediações se utilizar uma luminária vem confirmar a dimensão da unidade tradicional do fogo eterno nos lagares de

azeite e o emprego de lâmpadas de barro para este fim, alimentadas com óleo novo.

Salientado o escopo desta nota, parece-me indispensável completar o que disse sobre a forma e maneira de usar aquelas luminárias, embora o faça com algumas informações teóricas que necessitam de estudo, mas que dou a título de hipótese de trabalho.

A suspensão da luminária alentejana, em forma de tigela (semi-esférica ou calota), sugere derivar da lanterna romana, cuja forma mais antiga parece ter sido a cilíndrica.

Segundo se lê no *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines* (Daremberg et Edmond Saglio), vol. III, Paris, 1904 (L - MYS), pp. 924 - 925 (figs. 4337 a 4340); *ibid.*, vol. IV (N - QUO), p. 34 (fig. 5281), a lanterna romana era de suspensão, tendo coexistido a mesma forma executada com materiais diversos: barro, bronze e corno transparente. O emprego desta lanterna era extensivo à navegação, como se observa no birreme constante da figura n.º 5 281 que ilustra o texto da obra citada e que reproduzo (Fig. 2). Segundo J. Toutain, autor do texto relativo à lanterna do mesmo citado dicionário, o emprego de lanternas era indicado, sempre que fosse necessário preservar a chama do vento. O desenho dos barcos e da lanterna foi executado segundo uma escultura da coluna de Trajano.

Anthony Rich divulgou as informações anteriores e esclareceu que as lanternas eram usadas, também, pelos soldados, durante os ataques nocturnos. Eram protegidas por uma pele de bexiga, corno transparente e, mais tarde, por vidro (*Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques* — Trad. de M. Chérnel — Paris, 1873, pp. 352-353).

O nome *lanterna* (> *laterna*, *ae*, *s. f.*) é um latinismo e, como subsídio etimológico, contitui um argumento a considerar no domínio das indústrias e sua evolução técnica.

Também o substantivo *lâmpada*, de origem grega e depois latinizado (= *lampas*, *adis*, *s. f.*) se mantém na língua, significando, entre os romanos, archote, facho, tocha do himeneu.

Evidentemente que o investigador deve ter uma preocupação acro-

lógica, mas o absoluto só poderá ser concluído pelos vários especialistas e ciências.

A intromissão na semântica tem por fim mostrar que o conspecto e a análise dilatam os horizontes e abrem novos caminhos à investigação. Porém, é tudo quanto sei sobre o assunto apresentado, até este momento. Permito-me sublinhar que outros conceitos ou conclusões que me foram atribuídos sobre alguns pontos da matéria aqui versada são destituídos de fundamento, aparecendo à luz sem que eu fosse consultada sobre a utilização do meu nome para tais fins.

Creio ter exposto a matéria sem esquecer a ética que norteia o investigador e os princípios que este deve defender, quando tem a preocupação de meditar e fazer trabalho sério.

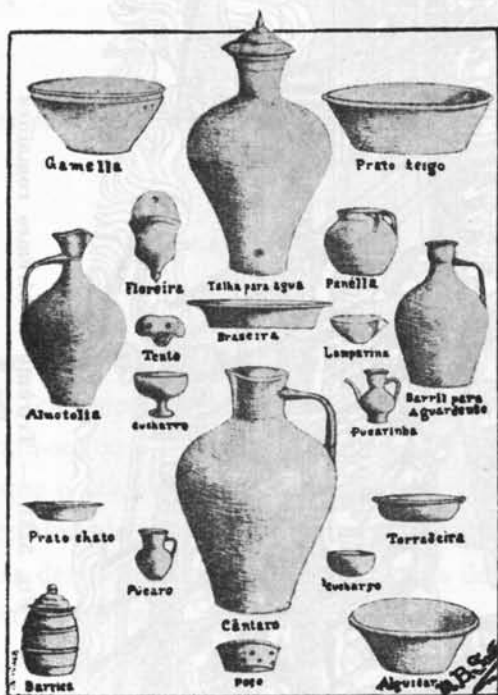
RESUMÉ

La flamme éternelle aux pressoirs d'huile dans la province d'Alentejo est une survivance d'un culte préceltique, uniquement rendu à l'olivier. Cet usage a été confirmé dans les oliveries d'un large territoire de cette province-là.

L' A. informe que, pour l'effet, il était courant l'usage des lampes en terre cuite.

Selon l' A., la forme de suspension de cetttes lampes a donné lieu à une certaine connexion avec la lanterne romaine et a été object d'études sur l'origine latine des appellatifs portugais *lanterna* et *lâmpada*.

Productos da Olaria Alemtejana



(SERPA)

Fig. 1

Reprodução do desenho que ilustra o estudo de J. Dias Nunes sobre a olaria de Serpa. Note-se, ao centro e à direita, a luminária de barro que era usada nos lagares daquela vila. (Fotografia de Santos de Almeida)

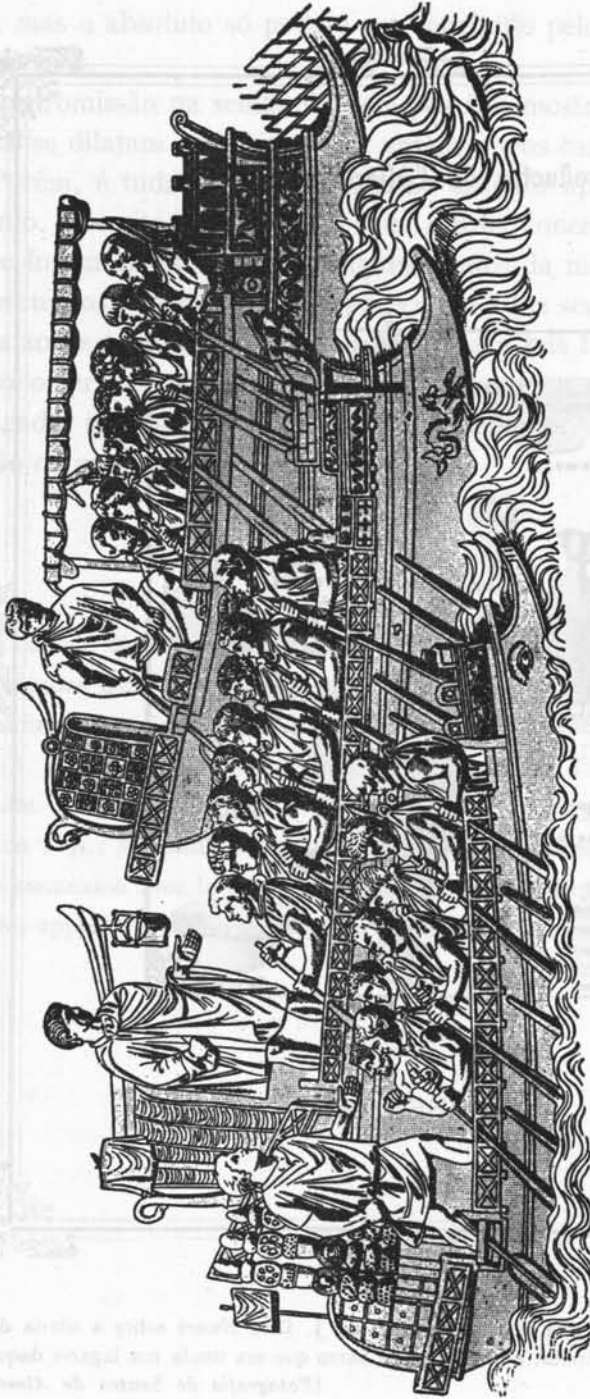


Fig. 5281. — Trirème et birèmes romaines

Fig. 2

Reprodução da figura n.º 5281 do IV volume do *Dic. de Daremberg*. Observe-se a lanterna colocada à proa do birreme romano.

(*Fotografia de Santos de Almeida*)